

## O corpo é a língua materna de Deus

Ancorados na semente divina que não apenas transportam, mas que eles próprios são, mulheres e homens descobrem-se chamados a apropriar-se criativamente, e com todos os seus sentidos, do desabalado prodígio da vida. A vida é o imenso laboratório para a atenção, a sensibilidade e o espanto que nos permite reconhecer em cada instante, por mais precário e escasso que este seja, a reverberação de uma fantástica presença: os passos do próprio Deus. Precisamos de olhar de novo o corpo que somos e a nossa existência como profecia de um amor incondicional: «Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16) – escreve o evangelista João. O corpo que somos é uma gramática de Deus. É através dele que aprendemos, e não mentalmente apenas. Merleau-Ponty recorda-nos, com razão, que ligamo-nos à nossa língua materna, antes mesmo da aprendizagem linguística, através do corpo: esses signos sonoros tiveram primeiro de habitar-nos, estiveram longamente mergulhados na noturna memória do corpo, inscreveram-se dentro do nosso sono, tatuaram-se na nossa pele. Com a língua de Deus não é de outra maneira. Maravilhosa imagem é essa que nos vem oferecida pelo salmo: «Quando os meus ossos estavam a ser formados,/ e eu, em segredo, me desenvolvia,/ tecido nas profundezas da terra,/ nada disso te era oculto.// Os teus olhos viram-me em embrião» (Sl 139,15-16). Esta imagem mostra-nos que o nosso corpo é ele mesmo língua materna. Língua materna de Deus. Por isso, a «mística dos sentidos ou do instante» [...], por contraponto à «mística da alma», não poderá ser

senão uma espiritualidade que encare os sentidos como caminho que conduz e porta que nos abre ao encontro de Deus. «Este mistério radical – escreve o teólogo Karl Rahner – é proximidade e não distância, amor que se dá a si mesmo e não juízo.» Deus espera por nós em tudo o que encontramos. Não se trata de reentrar na esfera íntima e esquecer tudo o resto. O desafio é estar em si e experimentar com todos os sentidos a realidade daquilo e daquele que vem. O desafio é atirar-se para os braços da vida e ouvir aí o bater do coração de Deus. Sem fugas. Sem idealizações. Os braços da vida como ela é. Lembro-me desse documento humano irrenunciável que é o diário espiritual que Ety Hillesum escreveu no campo de concentração. Em horas escuríssimas da história contemporânea, e sem nenhuma expectativa de vir a ser escutada, ela confessava: «Como isto é estranho. É guerra. Há campos de concentração. Pequenas crueldades amontoam-se por cima de pequenas crueldades... Sei do grande sofrimento humano que se vai acumulando, sei das perseguições e da opressão... Sei de tudo isso e continuo a enfrentar cada pedaço de realidade que se me impõe. E num momento inesperado, abandonada a mim própria, encontro-me de repente encostada ao peito nu da Vida e os braços dela são muito macios e envolvem-me, e nem sequer consigo descrever o bater do seu coração: tão fiel como se nunca mais findasse...»

*José Tolentino Mendonça*

*A mística do instante, o tempo e a promessa, ed Paulinas, 2014, p. 13-15*